



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
RITA

Carnaval de 1935

O DESEJO DA TÁTÁ

A Tátá, assás telhuda,
e muito dada a maldades,
mascarou-se e, abelhuda,
por fôrça quere ir à Ajuda,
ao pé das Necessidades.

— «Mas porque queres ir lá?!...»
Preguntava-lhe o papá,
cheio de curiosidade.

Responde, então, a Tátá:
— «E' porque eu tenho, em verdade,
a grande necessidade
dessa Ajuda e já, já, já!...



HISTÓRIA DO PRINCIPE MACACÃO

por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de A. CASTAÑÉ

Continuado do número anterior

PASSARAM-SE dias, semanas, meses. O príncipe Amadis, a quem, agora, toda a gente chamava «Príncipe Macacão» andava cada vez mais triste e abatido. Não havia mulher alguma que, ao vê-lo aproximar, se não sentisse aterrada e não desatasse a fugir a toda a velocidade.

O pagem Leal Coração, que sempre o acompanhava, bem lhes gritava:

— «Sosseguem! Sosseguem!... Este é o belo príncipe Amadis!... Não lhes fará mal!... Venham cá!...»

Mas qual? O príncipe tornara-se num macaco de tal maneira feio, com uns braços tão compridos e uma boca tão grande, que era impossível deixá-lo aproximar sem receio.

Porisso o príncipe já andava convencido de que nunca mais recuperaria a forma humana. E, então, chorava, chorava, e só pedia a Deus que o levasse.

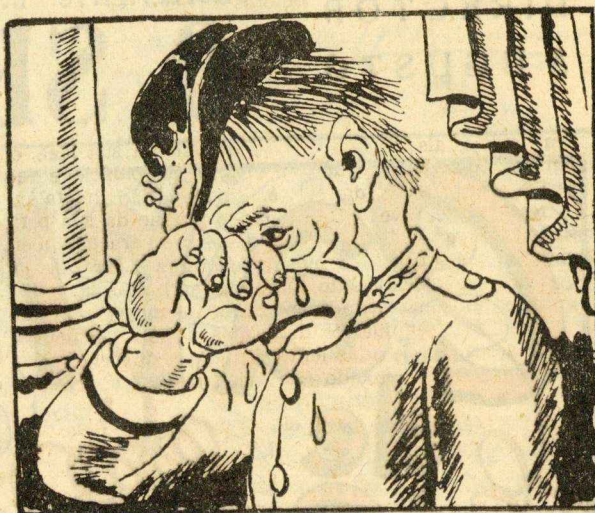
Ora não sei se já te disse, Toneca, que o pagem Leal Coração merecia bem o nome que lhe haviam dado. Tinha, na verdade, um coração puro, dedicado e gostava imenso do seu príncipe. E como o via tão desgraçado, sentia-se, também, tristíssimo, visto que supunha nada poder fazer para lhe valer.

Mas, um dia, de repente, teve uma idéia:

— «E se eu fôsse ter com a princesa Bela flôr e lhe contasse a desdita do príncipe? Talvez que ela se apiedasse e lhe perdoasse!...»

E, sendo assim, é possível que se resolvesse a salvá-lo!...»

Com esta idéia encasquetada na cabeça, Leal Coração nem podia dormir!... Até que, um dia, resolveu-se. Montou no seu cavalo branco e pôs-se a caminho do reino de Belafôr. Apenas chegou à capital do reino dirigiu-se ao palácio real, a pedir audiência. A' entrada do palácio, es-



tava um guarda mal encarado. Leal Coração desmontou e disse ao guarda:

«Eu venho de longes terras afadigado e àsinha... Passei por montes e vales p'ra falar à princezinha!...»

Mas o guarda respondeu:

«Por montes e vales tu regressarás. E à princezinha nunca falarás!...»

E voltou-lhe as costas.

Leal Coração não desanimou. Postou-se à entrada do palácio e esperou. Algum tempo depois, aparecia um oficial. E o pagem disse-lhe:

«Eu venho de muito longe, venho como embaixador. Queria falar à princesa, à princesa Belafôr»





Mas o oficial encolheu os ombros e resmungou:

Pode voltar para trás!...
Vá!... Não seja maçador!...
Pois não verá a princesa,
a princesa Bela flôr.

Um pouco mais triste, mas sem desistir da sua idéa, o pagem sentou-se num pedra, em frente do palácio e resolveu esperar a saída da princesa, para então lhe falar.

E, nessa tarde, teve Leal Coração o prémio da sua persistência. Estava êle já decidido a retirar-se para qualquer hospedaria, convencido de que àquela hora Bela flôr já não sairia, quando, de súbito, se abrem as portas do palácio e, ao cimo duma grande escadaria de mármore, aparece a princesa, seguida de duas aias e dois escudeiros. Bela flôr desceu as escadas lentamente, em direcção a um lindo carro doirado, puxado por seis parelhas de cavalos baios, que a esperava.

Leal Coração correu para ela. E antes que Bela flôr pudesse alcançar o carro, gritou-lhe:

«Venho de muito longe,
sem nunca parar,
linda princezinha,
para vos falar!...»

A princesa sorriu e perguntou:
«Que queres de mim?»

«De joelhos eu suplico
vossa boa protecção.
Só vós, Bela flôr, podeis
alegrar um coração!...»

— «Nesse caso — (disse a princesa) — procura-me amanhã de manhã. E, para que te deixem entrar nos meus aposentos, aqui tens o meu lenço, que mostrarás aos guardas...»

No dia seguinte, Leal Coração, ao romper da manhã, saltou do leito. Vestiu-se apressadamente e dirigiu-se logo ao palácio real. Encontrou à porta o mesmo guarda que, na véspera, lhe proibira a entrada.

Mas, desta vez, o pagem mostrou-lhe o lenço e êle abriu logo a porta. Leal Coração esteve tentado a fazer-lhe uma



careta, mas, lembrando-se do que sucedera a seu amo, desistiu.

Mais adiante, encontrou o oficial que lhe respondera tão torto. Mas, à vista do lenço, êste curvou-se reverente e deixou passar o pagem.

Leal Coração chegou, por fim, aos aposentos da princesa. Esta aguardava-o sentada na sua cadeira doirada e rodeada pelas aias.

O pagem ajoelhou e encetou a triste história de seu amo, dantes o belo príncipe Amadís, hoje o horrível príncipe Macacão.

A princípio, quando soube de quem se tratava, Bela flôr nem queria ouvir o final da história, tão ofendida estava com Amadís. Mas o pagem suplicou-lhe a chorar que ouvisse tudo e ela, muito bondosa, consentiu.

E apenas Leal Coração terminou, a boa princesa levantou-se e declarou:

— «Pois bem!... Lamento com toda a minha alma a grande desgraça que atingiu o teu senhor e estou pronta a salvá-lo, se êle jurar emendar-se e não voltar a macaquear os outros!... Vai ter com êle e dize-lhe isto...»

Leal Coração não quis ouvir mais. Sem quasi se despedir da princesa, correu, como um doidinho, através do palácio e, apenas chegou cá fóra, atirou-se para cima do seu cavalo branco. Partiu a galope e, daí a alguns dias, abraçado às pernas do príncipe Amadís, confessava-lhe a sua proeza, pedindo-lhe que o acompanhasse ao reino de Bela flôr.

O príncipe, comovido pela dedicação do seu pagem e ansioso por voltar a ser gente, acedeu. E, pouco tempo depois, num carro fechado, o príncipe e Leal Coração chegaram em frente do palácio de Bela flôr. Escondido numa grande capa e acompanhado pelo pagem, que levava o célebre lenço na mão, depressa chegaram aos aposentos de Bela flôr. O príncipe, então, desembuçou-se. E logo as aias da princezinha, tomadas de pânico, deitaram a fugir, à vista do macacão.

Mas a princesa Bela flôr avançou serenamente para êle e com a sua linda mão acariciou Amadís. Logo êste retomou a forma humana. E, chorando convulsivamente de alegria e de reconhecimento, o príncipe caiu aos pés de Bela flôr, agradecendo, comovidissimo, a sua generosidade, e pedindo mais uma vez perdão para as suas culpas.

A princesa perdoou... e...
...daí a alguns meses realizava-se solenemente o casamento da linda princesa Bela flôr com o formoso príncipe Amadís.

E nunca mais êste voltou a imitar fôsse quem fôsse.

Ouviste, meu Toneca, a triste história do Príncipe Macacão?

Cuidado, meu amor!... Cuidado com as imitações!... não vá aparecer uma velha bruxa... e depois...

UM CASAL DE MANDRIÕES

Por ANÃO SABICHAO

DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

CERTO dia, numa passeata que fiz ao campo, ouvi numa árvore uns pius-píus aflitivos. Eram dois pardalicos, rodeados duma ninhada de meninos pardais, ainda muito pequeninos, que se queixavam, amargamente, da sua vida.

— Sabe lá, senhor Anão! Estamos aqui sem ninho que é, como quem diz, sem lar, sem abrigo, para os nossos filhos que tiritam de frio! — explicou a mãe pardoca, numa grande lamúria.

E o pardal, revoltado, piava, muito alto:

— Biltre! Malvado! Infame jardineiro!

— Ah! foi o jardineiro! O que lhes fez êle?

— tornei eu a perguntar.

— Vai já saber . . . — disse a pardoca.

— Eu lhe conto . . . — disse o pardal.

— Fale cada um por sua vez, senão fico a vêr navios! . . . — repliquei eu.

— Verá que nos dá razão! — piou a pardoca.

— Vai ver que vítimas somos! — piou o pardal.

— Mau! . . . Mau! . . . — Assim não nos entendemos!

Já te disse que não vale piar, ao mesmo tempo. Tem a palavra a senhora pardoca — disse eu, com voz autoritária.



— Pois eis aqui a nossa triste história. Se estamos ao vento e ao frio, a culpa é do velhaco do jardineiro! — explicou êle.

— Mas que lhes fez êle? — tornei a perguntar.

— Pôs-nos fora de casa, nem mais nem menos!

— Escangalhou-lhes, então, o ninho, hein?!

Isso é muito mal feito! — disse eu, compungido . . .

— Vê, que temos razão? — acudiu logo o pardal.

— Mas contem lá isso, a preceito. Quero dizer, desde o princípio.

A mãe pardoca estava tão aflita a aconchegar os seus meninos friorentos, debaixo das asas, que foi o pardal o que parou.





— Na ocasião em que devíamos construir o nosso ninho, topámos aí num jardim, com um grande vaso, de fundo para o ar.

— Que mina! — exclamei eu. — Que sorte! — disse a minha senhora. E mais não piámos!

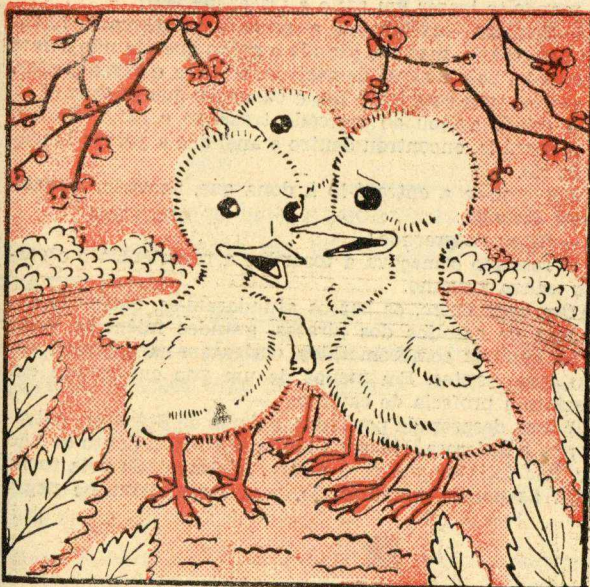
A toda a pressa, tratámos de nos meter pelo buraco do vaso e ali nos aninhámos. . .

— Ali puz os meus ovinhos, os choquei e ia me nasceram os meus meninos! — rematou a pardoca, que, como senhora que era, não podia estar de bico calado.

— Com que então, vocês fizeram do vaso o vosso ninho, pedaços de mariolas! — exclamei, repressivo.

— Vivíamos lá dentro, muito descansados. — tornou o pardal.

— Livres das chumbadas dos caçadores. . . — tornou a pardoca.



— Sim senhor, tudo isso é muito bonito, mas não teem de que se queixar! — retorqui eu.

— Ora essa, senhor Anão! — piou, desastinada, a mãe pardoca. — Então nós ficamos sem casa, e não nos havemos de lamentar!

— Infame jardineiro! — repetiu o piar furioso do marido. — Foi êle quem se lembrou de voltar o vaso, ao contrário e de o encher de terra, para lá colocar uma planta!

— Pois para que serve um vaso? Calem-me êsses bicos, que não teem razão nenhuma, de assim piar!

Os malcriados pardalicos ainda piaram com mais força. Mas eu dei-lhes um tal berro, que os fiz entrar na ordem.

— Caluda! Não é que não tenha pena de vocês, principalmente dos vossos meninos que nenhuma culpa teem da vossa mandriúce!

— Mandriúce, senhor Anão? — recalcitraram ainda os dois espevitados pardalicos.

— Já se vê que sim! O que se vê daí, é que quizeram aproveitar a papinha já feita, enquanto os outros vossos companheiros pardais se fartavam de trabalhar, para construir os seus ninhos.

Foi o castigo da vossa mândria! Agora sofram-lhe as conseqüências! E o que teem de melhor a fazer, é tratarem já de se meterem à obra!

Tratem de construir o ninho que já devia estar feito, andem! E ainda lhes digo mais esta, de que se devem lembrar pela vida adiante:

Não há regalo que preste a gente ladra e madraça, pois quem o alheio veste, dizem que o despe na praça.

Os pardalicos, muito cabisbaixos e tristonhos, não se atreveram mais a abrir bico e a sua atitude dava mostras de que estavam envergonhados e arrependidos do seu procedimento.

UMA LENDA HOLANDÊSA

Por J. F. S.

HA alguns séculos, quando Stavoren era uma cidade bonita, habitava nela uma senhora que era a pessoa mais rica daqueles sítios.

Bastante orgulhosa e autoritária, pensava unicamente em aumentar cada vez mais a sua fortuna, desprezando os pobres e os infelizes.

Tinha belos navios que percorriam todos os portos do mundo trazendo especiarias, ouro, marfim etc.

Certo dia, ordenou ao capitão da frota que partisse, num dos barcos e lhe trouxesse o que encontrasse de mais precioso no mundo.

— Que entende a senhora por mais precioso?

— Nada mais tenho a dizer-vos, parti e obedeci.

Sabendo quanto a senhora era severa, o capitão não insistiu, fazendo-se ao mar, sem rumo e sem saber o que trazer.

Depois de reflectir maduramente, o bom homem acabou por adquirir no porto de Dantzig um grande carregamento de trigo, voltando para Stavoren.

— A senhora ficará satisfeita — pensou elle — não há no mundo coisa mais valiosa do que o trigo com o qual se obtem o pão nosso de cada dia.

Enganou-se, a patrão manifestou a maior cólera perante a idéa do capitão, achando ridícula uma tal carga. Censurou-o ásperamente, por não trazer ouro, marfim ou riqueza semelhante.

— Senhora — replicou o marinheiro — nada há no mundo mais precioso que esses belos grãos abençoados pelo Criador!

Idiota! — exclamou ironicamente a senhora — vais vêr o caso que eu faço da tua carga. Lança-a quanto antes pela borda fóra.

Debalde o capitão lhe suplicou não levasse por diante a sua ordem, distribuindo ao menos o trigo pelos pobres, visto o não querer para si.

— Nunca! Nunca! Cumpri as minhas ordens.

Para se certificar dêsse cumprimento, dirigiu-se ao cáis.

O capitão hesitava em executar uma ordem que lhe parecia um crime.

Reuniu todos os pobres da cidade, juntando-os com suas mulheres e filhos no porto, junto do barco, esperando a patrão.

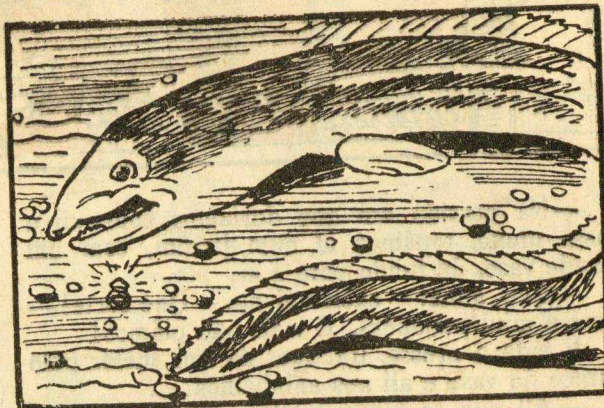
— Foi executada a minha ordem? — perguntou ela ao chegar.

— Senhora, por amor de Deus, dê-nos êsse trigo. Não o deite ao mar — suplicaram os pobres, caíndo de joelhos.

Ficou impassível e duro o coração da dama de Stavoren.

Indignado, o capitão exclamou alto:

— Não, Deus, que recompensa os bons e castiga os maus, não deixará impune uma semelhante maldade. Um dia



virá em que vós, senhora, chorareis por não poderdes juntar um a um os grãos preciosos que perdeis assim.

— Eu? — respondeu a dama — eu pobre? Tão certo é eu ficar um dia sem pão como é certo tornar a ver êste anel que vou lançar no fundo do rio. E, dizendo isto, atirou à água um dos aneis de grande valor que trazia nos dedos.

Alguns dias depois, a senhora mandou ao mercado uma das criadas ordenando-lhe trouxesse peixe.

— Quero um safio — disse ela.

A criada trouxe um rodovalho.

— Que quere isto dizer? — exclamou a senhora. Então eu mando-te trazer um safio e trazes-me isto?

— Senhora — explicou a serva — no mercado havia um único safio, mas tão grande e gordo que me não atrevi a trazê-lo, pois o achei demasiado, só para o vosso jantar.

— Que tens com isso? Ide e cumpri o que te ordenei.

A criada voltou ao mercado trazendo o safio. Porém, ao prepará-lo, encontrou dentro o anel que a patrão lançára ao rio.

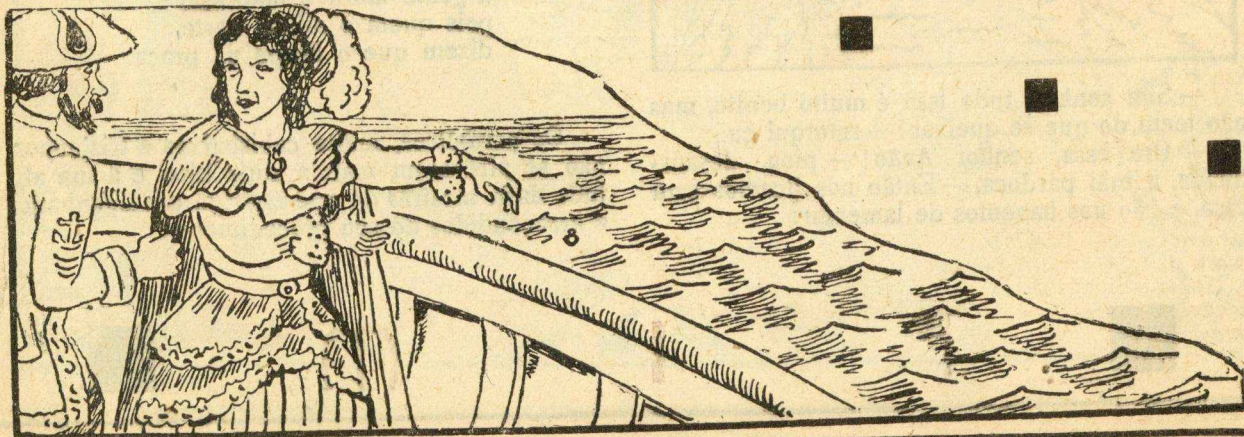
Apressou-se a entregá-lo à dona que, ao vê-lo, empalideceu, dizendo:

— Estou desgraçada!

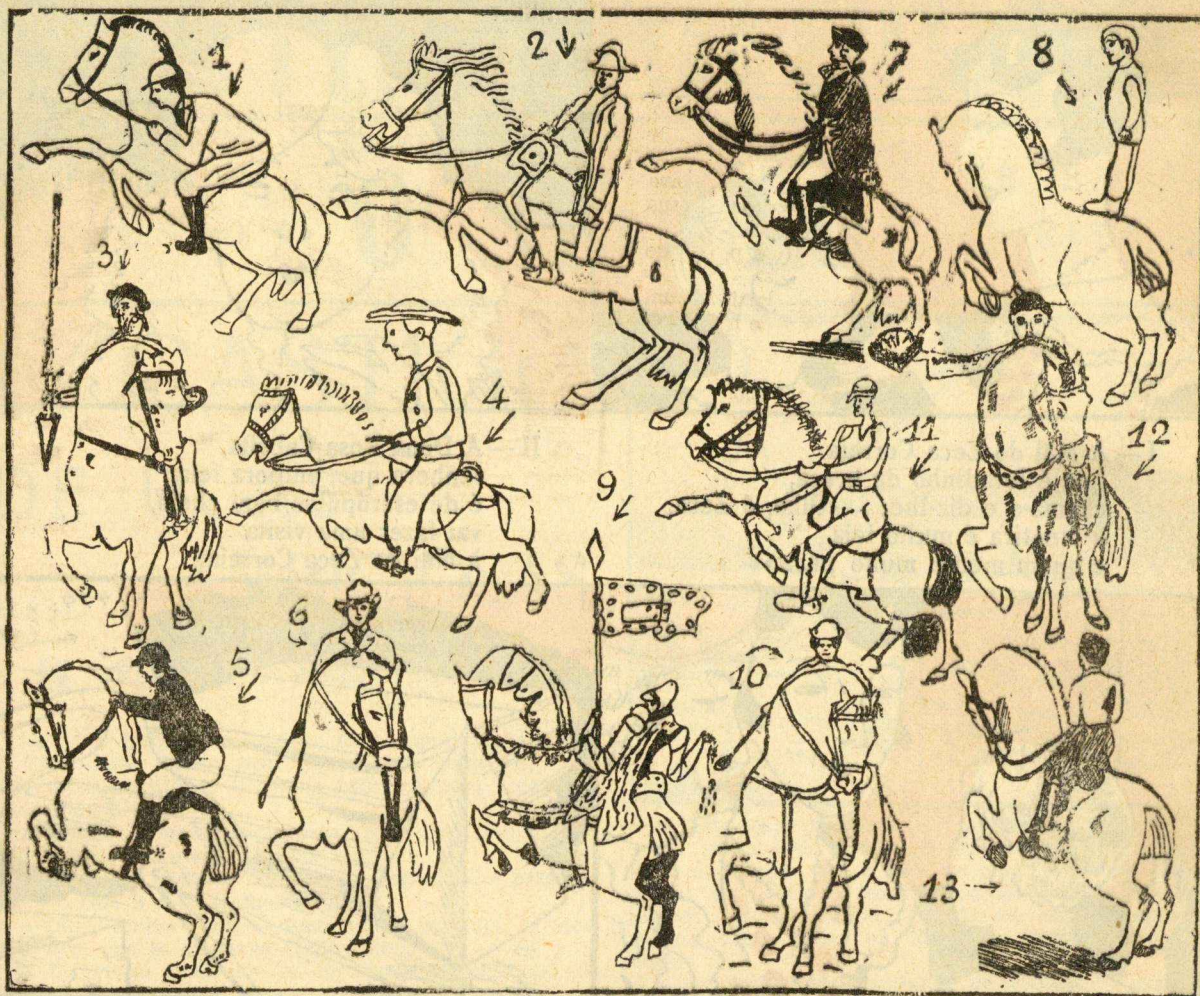
O remorso começava a tocar-lhe a consciência e o castigo estava próximo.

Um após outro, os barcos afundaram-se, outros foram vítimas de assaltos dos piratas, grandes falências, onde tinha capitais comprometidos, obrigaram-na a perder algumas importantes. Em menos de um ano cumpriu-se em absoluto a profecia do capitão.

Pobre, desprezada por todos, a dama de Stavoren, outrora rica e poderosa, viu-se na maior miséria, a ponto de não ter uma fatia de pão para comer. Atormentada pela fome, batia ás portas, mendigando, mas respondiam-lhe nega-



O NOSSO CONCURSO DE DESENHO



Principiamos, hoje, a publicar as provas d'êste concurso, dignas de classificação, e dentre as quais, depois de publicadas em três números consecutivos, escolheremos o desenho digno de figurar como primeiro prémio.

A - apesar de havermos esclarecido que ficariam invalidados os desenhos coloridos ou feitos a lápis, recebemos alguns nestas condições e que, portanto, foram desclassificados. Também ficaram fora do concurso, os desenhos excessivamente grandes.

Autoria dos desenhos acima: — 1 e 6 Dagmar de Jesus. 2 — (Napoleão) — Antonio de Oliveira — 3 — (D. Quixote) — Francisco Lopes de Souza — 4 — Manuel de Jesus Alcântara — 5 — Costa Pina — 7 e 13 — Júlio Pomar — 8 — João José Coelho — 9 — Maria Irene Dias — 10 — Guilherme de Oliveira Correia — 11 — Humberto de Souza — 12 — Fernando Pinto Correia.

tiva e rispidamente. Negavam-lhe o pão que ela negara também aos pobres, atirando ao rio os preciosos grãos.

No lugar onde êles foram lançados, rebenta todos os anos, na água, uma espécie de erva que nenhum botânico conhece, que não dá qualquer flôr e se não encontra noutra parte. O caule eleva-se muito alto, a espiga assemelha-se à do trigo vulgar, mas não tem grão. O banco de areia sobre o qual cresce esta seara estéril, alonga-se em torno da cidade de Stavoren e chama-se *Arcal da Dama*.

Grandes inundações e outros malefícios assediaram a cidade, a ponto dela, de bonita que era, se tornar num êrmo.

EDITORIAL-SEculo

JÁ POS À VENDA

AS 4 IDADES

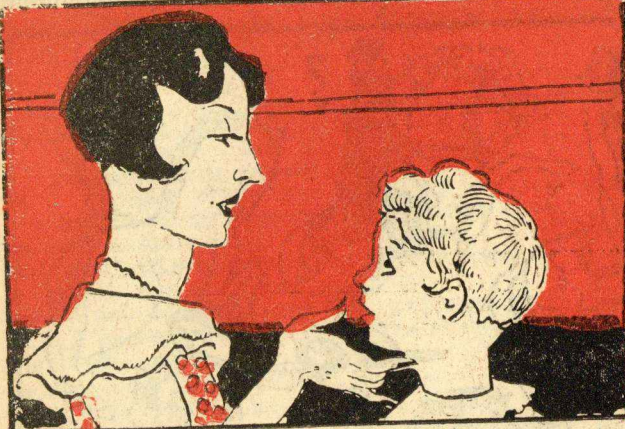
PEÇA RADIOFÓNICA NUM ACTO, EM VERSO, DE

AUGUSTO DE SANTA-RITA

PEDIDOS À ADMINISTRAÇÃO DO SEculo

PREÇO ESC. 2\$50

O ZÉQUINHA NUNCA MENTE!



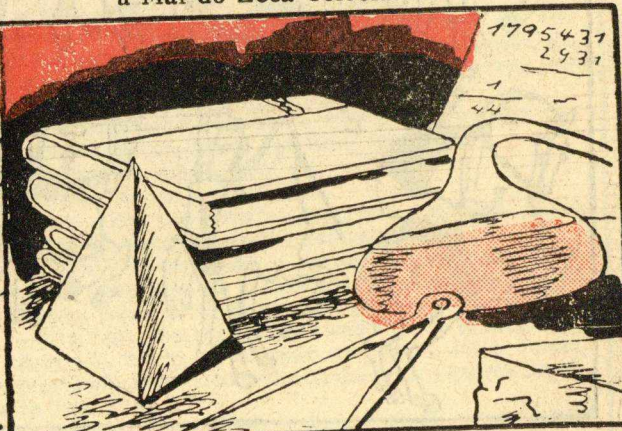
I — A Mãe do Zeca Correia que é levadinho da breca, chama-o e diz-lhe: — «Olha, ó Zeca, a mentira é muito feia e quem mente muito peca.»



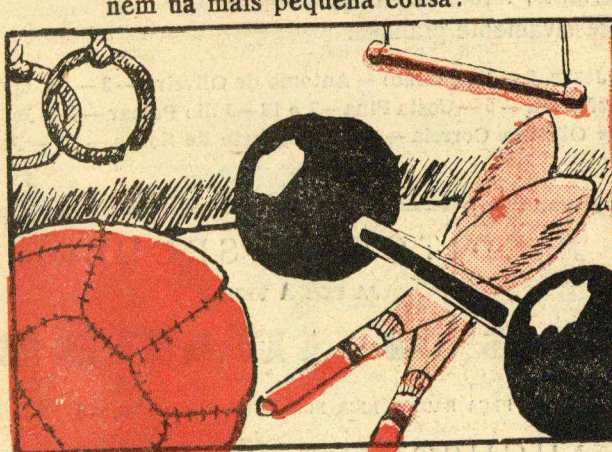
II — A Dona Rosa Cabrita, senhora que, embora feia, é de escrúpulos bem cheia, vai fazer uma visita à Mãe do Zeca Correia.



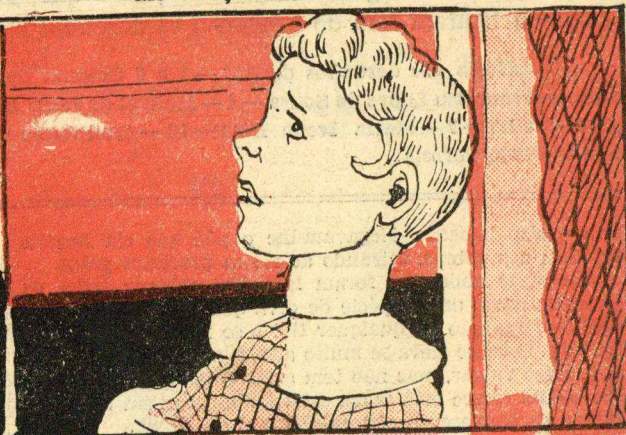
III — Falando do filho, em frente, diz-lhe esta, muito vaidosa: — «Acredite, Dona Rosa, o meu Zeca nunca mente, nem na mais pequena cousa!»



IV — Nisto o Zeca, à Mãe surpresa, faz menção de se ausentar. Diz-lhe a Mãe: — «Vais estudar?... Dize com toda a franqueza: Vais à lição ou brincar?»



V — Ah, já sei... Vai, com certeza, para a lição de ginástica, para a qual a sua plástica, (digo-o com toda a franqueza) — tem uma queda fantástica.»



VI — Então Zeca, após ouvir o que Ela dissera, ali, elogiando-o, sorri e responde sem mentir: — «Não, Mãe! Vou fazer «chichi».